

Local Conference Call

CPFL Energia

Resultados do Primeiro Trimestre de 2015

11 de maio de 2015

Operadora: Bom dia e obrigada por aguardarem. Sejam bem vindos à teleconferência dos Resultados do 1T15 da **CPFL Energia**.

Conosco hoje estão presentes o executivo Wilson Ferreira Júnior, Presidente da **CPFL Energia**, bem como outros executivos da companhia.

Esta teleconferência está sendo transmitida simultaneamente pela Internet no site de Relações com Investidores da **CPFL Energia** no endereço www.cpfl.com/ri, onde poderá ser encontrada a respectiva apresentação para download. Informamos que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação da empresa e em seguida iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando maiores instruções serão fornecidas.

Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a conferência queiram, por favor, solicitar a ajuda de um operador digitando asterisco zero. Cabe lembrar que esta teleconferência está sendo gravada.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência relativas às perspectivas de negócios da **CPFL Energia**, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da diretoria da Companhia bem como em informações atualmente disponíveis.

Considerações futuras não são garantias de desempenho. Elas envolvem riscos, incertezas e premissas, pois se referem a eventos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer.

Investidores devem compreender que condições econômicas gerais, condições da indústria e outros fatores operacionais podem afetar o desempenho futuro da **CPFL Energia** e podem conduzir a resultados que diferem, materialmente, daqueles expressos em tais considerações futuras.

Agora gostaríamos de passar a palavra ao Sr. Wilson Ferreira Junior. Por favor Sr. Wilson, pode prosseguir.

Sr. Wilson Ferreira Jr.: Muito bem muito bom dia a todos e a todas, investidores, analistas, acionistas da CPFL. Nós vamos então início aqui a nossa apresentação sobre os resultados desse 1T15. Eu vou me deter nos próximos quatro, cinco slides apenas para fazer uma atualização da situação hidrológica e a visão da CPFL sobre ela.

Então começamos pela página 3 apontando o nível dos reservatórios. Aqui importante destacar fechamos o mês de abril com quase 35%, neste momento estamos ligeiramente acima com 35,3% e devemos segundo nossas previsões confirmadas também pelo ONS nós devemos cruzar aquela linha verde que foi o nível dos reservatórios na época do racionamento nos próximos dias.

Possivelmente nesta semana nós estamos ultrapassando e isso mostra a vitalidade do sistema especialmente no que diz respeito à sua capacidade de geração térmica, e é essa que tem determinado essa subida no nível dos reservatórios dado que nós vamos poder ver um pouco à frente o nível de afluência de chuvas têm sido abaixo da média, e aqui só para demonstrar que nós estamos realmente entrando numa situação de maior conforto que obviamente ainda denota cuidado.

Na página 4 nós temos exatamente essa visão das chuvas. Estamos pegando aqui os três verões destacando principalmente os últimos dois: o que nós vivemos, acabamos de viver na região sudeste e Centro-Oeste que é nossa principal fonte de armazenamento de água e a boa notícia aqui é que ela foi melhor do que no ano passado. Se a gente pega novembro de 13 e abril de 14 nós tivemos chuvas abaixo da média (36% abaixo da média) e neste ano nós tivemos abaixo da média mas 32%.

E do outro lado essa média tem subido e a gente tem verificado, eu vou mostrar isso no próximo slide, maio já com uma expectativa de média no sul, sudeste e Centro-Oeste e acima da média no sul e no sistema interligado como um todo melhorando: vocês veem que a gente vem de 54 em janeiro, 61 fevereiro, 73 em março, 84 em abril e agora estamos pela primeira previsão da ONS com 97, e com o despacho de termelétricas como eu havia falado no slide anterior praticamente integral.

Na página 5 nós temos a nossa visão... vocês sabem que de um lado é necessário avaliar a afluência, a capacidade de geração térmica e do outro lado saber que carga que nós estamos atendendo, e aí já com uma comparação: nós estamos trabalhando com esta curva vermelha, essa é a visão da CPFL; e a curva original no sistema no começo do ano era a curva verde. Essa era a previsão original da ONS.

Ela já foi revisada pelo próprio ONS (essa curva preta que está bastante em cima da vermelha que a CPFL tinha) mas ela segue no caso da ONS com esses valores pontilhadas em preto e azul. No final das contas nós estamos falando no ano passado nós tivemos 65,1 GW médios consumidos; a previsão original da ONS era com 67,3 e correspondia a um crescimento de 3,3; e a gente vê que tanto a revisão de maio da ONS quanto a expectativa de CPFL são muito próximas, algo entre 64,9 e 65,1, o que significa que em princípio nós estamos vendo um ano com um consumo muito semelhante àquele que foi verificado no ano de 2014.

E obviamente isso auxilia, se passarmos para a página 6, a nossa visão prospectiva no final do ano. Nós devemos então com essa ENA de maio de 97% chegar a algo próximo de 37% no nível dos reservatórios e a partir daí passamos a (incompreensível 06:25). Observe que nós estamos plotando só uma curva, a curva de 15%, esse nós seguimos com 87% - seria a energia natural afluyente necessária de junho e novembro - nós chegamos em 15.

A probabilidade de ter um valor inferior a 87% é de 28%, é uma probabilidade que diríamos assim baixa; para confirmar isso eu sempre coloco - e isso tem ocorrido nos últimos anos - o período seco tem sido mais molhado vamos chamar assim do que na média e então se a gente pegar aqui desde 2004 nos últimos dez anos ele foi de 105% na média no sudeste e Centro-Oeste e foi de 104% no sistema interligado nacional.

Então nós com esse quadro dado o ritmo de consumo no estamos vendo que é muito improvável qualquer tipo de necessidade de restrição no consumo de energia. Isso já está acontecendo seja pelo efeito do aumentos tarifários, seja pelo próprio ritmo da economia que está mais baixo e nós então afastamos de qualquer maneira qualquer tipo de risco. Essas as nossas considerações sobre o cenário energético brasileiro para o ano de 2015.

Passando para página 7 agora sim apontar os resultados, os destaques no ano de 2015 referentes ao 1º trimestre na CPFL, começando por uma queda de vendas na área de concessão. Observem que essa queda ocorre num comportamento bastante racionalizado de consumo na área residencial e comercial (ele é positiva mas é baixo) e na área industrial segue-se o que a gente já vinha assistindo ao longo do ano de 2014 inteiro, ou seja, a atividade industrial está mais baixa e no caso nesse trimestre comparado com o mesmo trimestre do ano passado com 5,1% de queda.

Apesar disso o grupo investiu R\$ 331 milhões nesse primeiro trimestre, com destaque aqui a antecipação da entrada em operação comercial do parque Morro

dos Ventos II da CPFL Renováveis em abril de 2015 e nós vamos detalhar um pouco isso mais à frente; uma participação vitoriosa no leilão A-5 de abril com o projeto da PCH Boa Vista II, projeto de 26 MW instalados de 14 médios de garantia física com o segundo melhor preço desse leilão.

Aí só lembrar que tivemos o reajuste tarifário complementar da CPFL Paulista em abril conforme fazemos todos os anos, a aplicação de fórmula paramétrica. E aí um conjunto de definições da segunda fase da audiência pública 23, AP 23 da Aneel, concluindo que as metodologias para o quarto ciclo de revisão tarifária. Nós vamos fazer alguns comentários sobre isso.

Tivemos aqui na assembleia da semana passada a aprovação de uma proposta de aumento de capital por meio de bonificação de ações. Então tivemos a emissão de novas ações distribuídas aos acionistas já na data 6 de maio passado.

E isso tem de alguma maneira refletindo positivamente no comportamento das ações: nós tivemos a **CPFL Energia** variando um pouco mais de 10% na Bovespa e uma queda em Nova York - mas ela é muito mais relacionada a um efeito de câmbio para fazemos comparações.

E aí só um destaque, isso vai estar disponível nos nossos sites: divulgamos em 30 de março o nosso relatório anual e ele é baseado nas diretrizes do GRI do G4 e pela primeira vez na estrutura do relatório integrado da qual a CPFL foi uma das empresas que fez parte e a gente faz um comentário também no final.

Esses são os destaques no primeiro trimestre e vamos passar à página 8 para abordar o tema das vendas nesse primeiro trimestre, aquele detalhamento importante. Então em azul no lado esquerdo em cima o mercado cativo caindo 1,8 e o mercado livre, o mercado TUSD, com 4,6%. Isso deu 2,5% a que eu fiz referência na página anterior.

Aqui no box do meio as vendas por classe, já havíamos falado sobre elas e o perfil de mercado mantendo praticamente inalterado então consumo industrial responde por 38%, o residencial por 30% e o segmento comercial por 18%.

Aqui embaixo eu acho que só um ponto o importante: a gente tem uma queda no consumo industrial mas não uma queda da demanda contratada do setor industrial, isso mostra que o setor tem - e isso é só uma demonstração - e olhando a energia contratada fora ponta e ponta nós temos aqui valores crescendo na comparação com maio do ano passado de 3,1 e 3,2%.

Então há uma expectativa de retomada da capacidade industrial e ela se demonstra por essa demanda contratada diretamente com as concessionárias.

Eu reforço ainda que pela primeira vez no ano - isso se deve à potencialidade industrial - tivemos crescimento inferior ao Brasil (2,5 contra 0,6) e ele se verifica da mesma maneira nas duas regiões onde nós estamos operando, piores no sudeste e piores no sul, a nossa área mais industrializada, e isso evidentemente afetou o nosso resultado de vendas nesse ano - mas a expectativa é de que a gente tenha uma retomada da área industrial e a demonstração na demanda contratada.

Fazemos também um reporte sobre a nossa capacidade instalada em geração com crescimento de 25% basicamente da geração renovável, da entrada de projetos ao longo desse período de um ano, e no caso específico da geração convencional a queda é basicamente o exercício de preferência dos nossos sócios na Epasa.

Passamos à página 9 e aí só fazendo algumas considerações com relação ao crescimento das classes residencial e comercial: a gente tem um crescimento menor de 0,3, mas é importante colocar sobre uma base maior. O ano passado nós já tínhamos tido um crescimento muito robusto na casa de 12,6% e se formos olhar de forma ponderada nós continuamos crescendo à razão de 6,3% nesses dois segmentos que são fundamentais.

Algumas coisas que explicam esse comportamento está relacionada às temperaturas, e a gente vê em baixo as temperaturas dos três principais centros, cidades da nossa área de concessão (Campinas, Sorocaba e Caxias do Sul) mostrando que no ano de 13 realmente nós tivemos um comportamento bastante atípico. Isso fica claro pela temperatura acumulada no trimestre (721 e 713) contra essas médias que estão aqui colocadas que são bastante menores só para fazer a comparação dos 721 que seria em Campinas contra 532 (isso no ano passado) e esse ano já foi mais ameno (651 contra 532).

De fato olhando as três cidades as temperaturas que tivemos ano passado foram realmente um ponto fora da curva e isso é importante olhar em cima. Tem três equipamentos principalmente que consomem energia elétrica ligados ao tema da temperatura: são os refrigeradores e freezers como eu já havia colocado e a gente não consegue fazer um controle direto, e finalmente o ventilador e o ar-condicionado que somam 19% desse consumo.

Muito bem. Vamos agora então aos resultados na página 10. Os resultados como de costume - e pela primeira vez nós estamos colocando o valor em IFRS bastante mais semelhante ao que a gente chama gerencial - mas em IFRS então nós estamos reportando um crescimento de 35% na receita líquida chegando a 5,059 bilhões, isso já reflexo de aumento de bandeira tarifária e de aumento das

tarifas em março, ainda não integral, mas já com alguma coisa desses montantes aqui; o Ebitda crescendo 23% chegando a R\$ 972 milhões e o lucro líquido uma queda de 18% chegando a R\$ 142 milhões.

Nós vamos detalhar um pouco desse comportamento, mas na verdade a companhia mesmo que não só pelos seus valores recorrentes mas principalmente pela consolidação proporcional que no IFRS nós não temos, então a CPFL é mais claramente representada pela figura de baixo, ou seja, de crescimento de 30,6% na receita chegando a R\$ 5,030 bilhões, crescimento de 5,5% no seu Ebitda chegando a R\$ 1,146 bilhão e uma queda nosso lucro líquido chegando a R\$ 300 milhões, uma queda de 24%.

A conciliação desses valores entre IFRS e os gerenciais estão aqui embaixo, então a gente vê não só consolidação proporcional da geração mas também os ativos e passivos financeiros setoriais muito fortes no passado; e depois os eventos que nós estamos considerando como atípicos ou como não recorrentes: o GSF principal e a compra de energia, as compras de energia ano passado e mais recente no GSF maior; a realocação de custos com perdas na rede básica, um efeito pequeno que tivemos ano passado; o ajuste da alíquota efetiva de PIS/Cofins neste ano na casa de 30 milhões; e a marcação a mercado que vai só para o lucro líquido da Lei 4.131 na distribuição.

Então com tudo isso nós chegamos olhando o Ebitda de R\$ 972 milhões no IFRS para R\$ 1,146 bilhão que é na base recorrente e consolidada e isenta desses eventos não recorrentes.

Muito bem, vamos detalhar um pouco da variação do Ebitda e do lucro líquido. O Ebitda nessa página 11 nós vamos estar olhando mais a parte de dentro do box, ou seja, a variação do Ebitda é de que R\$ 1,086 bilhão para R\$ 1,146 bilhão e ela é composta basicamente por um crescimento na receita líquida vigoroso de mais de 30%. Vocês podem observar que em grande medida é pelo efeito só da distribuição.

Há aqui também um aspecto importante: a variação cambial de Itaipu agora é apontada de forma contábil na variação das receitas, ela vai entrar na receita e vai sair na despesa financeira, ela é transparente para efeito de lucro líquido e ela tem uma pequena variação positiva no que diz respeito à receita da distribuidora.

Nós tivemos também na Renováveis fruto da entrada em operação de ativos esse crescimento de R\$ 45 milhões e na geração convencional e na comercialização de serviços uma queda de R\$ 116 milhões. Na primeira (o principal efeito aqui GSF) e na segunda de R\$ 33 milhões. É um detalhamento desse crescimento de R\$

1,283 bilhões nos aspectos distribuição principalmente, o efeito de bandeiras para facilitar a análise de vocês, o efeito da própria tarifa, a queda de mercado e outros.

Então o aumento da receita está claro puxado por reajustes principalmente na área de distribuição e a entrada em operação de novos ativos na área de geração com efeitos negativos notadamente de GSF na geração convencional.

Do outro lado um aumento do custo e aí a gente percebe claramente na distribuição o custo de energia comprada (R\$ 1,189 bilhões) e na CPFL Renováveis de R\$ 33 milhões, um pouco do efeito do GSF nela também.

Na geração convencional de R\$ 98 milhões positivos e isso reflete principalmente a variação do teto de PLD no ano passado na casa de R\$ 800/MWh e nesse ano na casa de R\$ 338/MWh e a mesma coisa acontece no caso da comercialização.

Então o balanço dessas duas coisas acrescido do crescimento nas nossas despesas de PMSO na casa de 1,5%, duas delas com receitas associadas descolando um pouco o PMSO de serviços essa atividade continua crescendo no grupo e aquisição de óleo da Epasa, despachada no nível mais alto então a compra do óleo fica... também tem uma receita associada porque esse valor reflete na CVU da própria usina.

Então os valores que a gente tem que utilizar para efeito de comparação são os valores de pessoal (R\$ 19 milhões) e aqui refletimos reajustes de remuneração dos nossos colaboradores principalmente em junho do ano passado, no acordo coletivo dá R\$ 11 milhões; a PLR, R\$ 3 milhões; e um conjunto de atividades que são primárias nas distribuidoras de R\$ 4 milhões. Na área de materiais e serviços R\$ 14 milhões e na parte de outros aí positivamente tem a baixa de ativos de R\$ 11 milhões, despesas legais e judiciais de R\$ 7 milhões e a taxa de fiscalização de R\$ 6 milhões.

Na média no trimestre, à exceção do efeito de mercado, um trimestre relativamente limpo onde o efeito principalmente do GSF ainda é relevante.

A gente faz na página 12 aquela comparação de como é que vêm vindo as nossas despesas gerenciáveis desde a implantação do nosso OBZ, então aí o que a gente percebe em valores nominais uma queda de 0,3% na comparação dos últimos doze meses contra o ano de 2014 e quando a gente olha o PMSO gerencial real indexado ao IGPM com uma queda de ponta a ponta de R\$ 250 milhões ou 15% e nessa comparação dos últimos doze meses com 2014 uma queda de 1,2%.

Aqui vocês podem ver que a composição vem muito mais de gestão de materiais, serviços e outros embaixo, com uma contribuição de R\$ 200 milhões, e cerca de

R\$ 50 milhões da redução de custos com pessoal (6,9% no todo). Nós continuamos sendo uma companhia que cresce a suas operações sem o crescimento das suas despesas.

Passamos ao box seguinte aqui na página 13 falando do lucro líquido. Então o lucro líquido nós vamos estar explicando aqui a queda de 24%. Nós já havíamos apontado o aumento de 5,5% no Ebitda de R\$ 60 milhões de R\$ 1086 bilhão para R\$ 1,146 bilhão.

E todo o resultado na verdade vem determinado pelo aumento do nosso resultado financeiro líquido negativo, de um lado porque nós temos uma indexação forte com o CDI (mais de 70% no nosso estoque de dívida) e então tem um aumento no CDI conforme pode-se observar no box do lado direito de 10,3% no primeiro trimestre do ano passado para 12,1% neste aqui; e fora a relação de câmbio, e aqui determina como eu havia colocado o tema da variação cambial de Itaipu que nós lançamos ela positivamente na receita e negativamente no resultado financeiro líquido de R\$ 75 milhões.

No outro lado nós temos o efeito da marcação a mercado da 4.131 (isso não tem efeito de caixa) e outros efeitos de menor magnitude de R\$ 5 milhões. Temos o aumento da depreciação e amortização pela entrada em operação de ativos e temos uma redução de imposto de renda e contribuição social devido ao menor resultado.

Passamos à página 14 apenas para reportar o nosso ratio de dívida líquida/Ebitda. Ele subiu ligeiramente de 3,49x para 3,54x apesar do Ebitda ajustado estar subindo também.

Aqui no gráfico de baixo a boa notícia é que o custo real está caindo e a má notícia é que o custo nominal continuou subindo pelo terceiro trimestre seguido chegando a 10,5% embora como eu falei o custo real está em 2,2%.

E aqui vocês veem a composição da nossa dívida bruta, a dívida bruta pelo indexador tem 73% de CDI, 20% em TJLP e 6% no prefixado que são aquelas... especialmente o PSI no BNDES. Então praticamente um quarto de BNDES e três quartos de mercado e o IGP é exatamente a dívida contraída junto à Fundação Cesp.

Passamos à página 15 só para demonstrar que a situação é confortável. A companhia termina o trimestre com quase R\$ 4 bilhões no seu caixa e esse caixa cobre quase 2x as amortizações de curto prazo, prazo médio de 3,67 anos e no curto prazo nós temos só 12,4% dessa posição. É uma situação bastante equilibrada do ponto de vista de administração da dívida.

Passando à página 16 só alguns comentários acerca desse empreendimento Morro dos Ventos II que entrou em operação agora. É um parque com capacidade de 29,2 MW instalada, 15,3 MW médios de garantia física; PPA do 13º leilão de energia nova (A-5) a R\$ 133/MWh até 2035 e uma receita anual estimada na casa de R\$ 17,9 milhões a partir de 2016 e com o financiamento do BNDES já tomado. Então é uma satisfação antecipar essa entrada e essa receita extra.

E vou fazer na página seguinte, a página 17, os empreendimentos greenfield de geração que nós estamos construindo, então o Campo dos Ventos e o complexo São Benedito são ambos para a operação no mercado livre, são 231 MW instalados, 120 MW médios; o seu financiamento tem sido agora estruturado lá no BNDES.

A PCH Mata Velha, 24 MW contratado com o leilão de energia nova de 2013 a R\$ 143/MWh até 2047, também em análise pelo BNDES; o complexo Pedra Cheirosa, em 2018, 51 MW, vendido no 18º leilão de energia nova de 2014 a R\$ 133/MWh, também em análise pelo BNDES; e a última nesse leilão que tivemos na semana retrasada, a PCH Boa Vista: são mais 26 MW instalados e o valor tomado foi a R\$ 207,64/MWh até 2049.

Esses quatro empreendimentos somam 333 MW de capacidade a ser instalada, 174 MW médios e para serem entregues já a partir do ano que vem, em 2016 e indo até 2020.

Na página 18 o comportamento das ações. O comportamento como eu falei foi positivo desde a divulgação do resultado do ano de 2014. Então performamos a 10,7% contra o IEE de 1,3% e Ibovespa de 2,3% e nos EUA uma queda no ADR de 8,4% mas contra uma queda do Dow Jones Index de 14,7% e do Dow Jones Br20 de 1,2%.

Há que se destacar um aspecto positivo: o aumento do volume médio diário na Bovespa crescendo 1,1%, chegando a 5.600 negócios/dia, nessa divisão entre Bovespa e Nova York e a CPFL mantendo-se presente nos principais índices conforme referenciado neste box.

Na página 19 apenas para dizer que disponibilizado o nosso relatório anual de 2014, mas destacando já neste modelo do relato integrado onde as informações já são colocadas e organizadas com base em capital humano, capital social e de relacionamento, capital de infraestrutura, capital de conhecimento e competência, capital natural e capital financeiro.

Ele é auditado pela Price, mas é um ativo importante para companhia, na forma de reportar os seus resultados, dando, além da transparência, uma forma mais amigável de conversar com todos os stakeholders da companhia.

A gente queria colocar na página 20 o fechamento, a conclusão do quarto ciclo de revisões tarifárias onde nós fazemos um balanço. Os fatores positivos de uma forma geral são maiores que os negativos, então eu acho que já era divulgada a subida do WACC, mas foi incluída a remuneração sobre obrigações especiais. Do outro lado, não foi incluída ainda a remuneração sobre ativos 100% depreciados, é algo que nós vamos ter que continuar batalhando junto à agência.

No que diz respeito aos custos operacionais houve uma simplificação no modelo e inclusão de contingências trabalhistas e isso é positivo. O compartilhamento de outras receitas uma simplificação na metodologia: 60% para atividades já consolidadas e 30% para as atividades que demandam uma curva de aprendizado, isso é positivo.

As perdas não técnicas, então foi criada uma regra de exceção para as empresas com perda baixa. Isso inclui a maior parte das nossas concessionárias (Paulista, Piratininga e RGE) onde será utilizada a média dos últimos quatro anos sem que haja uma trajetória. Nessas perdas não técnicas, no entanto ainda falta o incentivo para empresas eficientes. Agora com essa metodologia a gente teoricamente para de perder, mas ainda não tem o sinal positivo para continuar investindo na redução dessas perdas.

Finalmente no fator Xq houve uma inclusão de indicadores comerciais gradualmente até 2019. Isso é positivo, não é só DEC/FEC que determina a qualidade das nossas operações; no entanto acho há que se colocar principalmente o Xpd: houve uma diminuição em relação às primeiras propostas mas ele ainda é muito alto de 1,53 então o fator X é elevadíssimo.

E as receitas irrecuperáveis - e a gente tem visto isso, temos discutido com a própria agência - um aumento da inadimplência fruto desse aumento muito grande das tarifas de energia, mas houve aqui um aumento do aging para 49, 60 meses, coisa que não faz sentido especialmente quando no curto prazo nós estamos tendo um aumento dessa inadimplência.

O balanço continua sendo positivo. Eu acho que existem ainda elementos para que a gente continue a interagir com a agência para o aperfeiçoamento do modelo regulatório, mas há que se reconhecer que além da transparência nas discussões há um conjunto de avanços que estão aqui consignados.

Eu acho que é importante colocar a vocês na página 21 que melhorias na área de infraestrutura podem ampliar a expansão proporcionada pelo potencial do mercado brasileiro. Vocês vejam esse índice de competitividade global entre Brasil e alguns países da América Latina. Temos aqui basicamente algo a nos diferenciar: o tamanho do nosso mercado - e quando a gente olha do lado direito a gente pode observar isso.

Comparando primeiro o Brasil com outros países emergentes ou da região a gente observa uma diferença de consumo residencial per capita relevante: é só comparar o Uruguai contra a gente e o Uruguai é o dobro, Austrália é quase 4x - mas isso reflete ainda uma posse de equipamentos ainda com potencial para crescer na área de máquinas de lavar roupas, de computadores, microondas, ar-condicionado.

E eu acho que o Brasil continua sendo um país que tem - não se pode ignorar - é líder mundial na exportação no agronegócio: café, soja, açúcar, metanol, frango e suco de laranja; é o quarto maior em energia limpa e renovável do mundo; o terceiro maior mercado de computadores; o quinto maior mercado de telefones celulares e automóveis; e ainda o quinto país que mais recebe investimentos estrangeiros.

Então nós temos potencial. Estamos vivendo esse momento de ajuste, mas há muito o que fazer com nosso país.

E na página 22, só mostrando aqui os investimentos, maiores taxas de retorno de dos projetos e maior participação do setor privado no financiamento e isso é uma condição para o futuro. Eles vêm mantendo os investimentos no setor na casa de próxima de R\$ 200 bilhões nos últimos anos.

Aqui é fundamental colocar que no histórico recente cerca de 10% a 15% dos investimentos do setor elétrico foram financiados com debêntures de infraestrutura - pouco - e há a necessidade sem dúvida nenhuma, até em função hoje do menor volume de recursos disponível pelo BNDES que a gente desenvolva ou potencialize ou mobilize essa estrutura e nós temos trabalhado até no Ministério no sentido de a gente incorporar na distribuição as debêntures de infraestrutura, então é necessário ampliar essa complementaridade do financiamento público e o financiamento privado.

É óbvio que é um conjunto de coisas a serem feitas aqui, mas de parte do governo e a estabilidade regulatória a gente tem avançado nesse tema; a melhoria da seleção dos empreendedores para evitar frustrações; uma taxa interna que seja compatível com os riscos que estão sendo assumidos, às vezes a gente tem dificuldade de reconhecer isso; e a melhoria nos prazos e processos de

licenciamento ambiental. Por parte das empresas continua sendo fundamental a maior eficiência na execução de projetos para evitar atrasos e provavelmente o cumprimento desses prazos estabelecidos.

Vejam que há um conjunto de grandes oportunidades programadas para 2015: são mais de 13 bilhões na distribuição; na área de geração de conjunto de... dois leilões realizados com quase R\$ 10 bilhões em investimento e temos ainda mais dois leilões para serem verificados nos próximos três meses, sem falar de todos os volumes que tem que ser incorporados à transmissão: mais de R\$ 13 bilhões de investimentos necessários em expansão e também um potencial novo que é a ampliação de capacidade de micro geração e co-geração.

Então há... se a gente tem gaps na infraestrutura, os nossos gaps são as nossas oportunidades para futuro e no setor elétrico isso está consignado aqui: são mais de R\$ 200 bilhões de investimentos necessários somente de 15 a 18.

Eram essas as minhas informações. Eu queria era dizer a vocês que estão acompanhado aqui e do Vice-Presidente Gustavo Estrella, financeiro; acho importante ressaltar a vocês que nós fizemos uma evolução na nossa estrutura organizacional, foi aprovada na nossa assembleia da semana passada.

E nós já indicamos também semana passada na nossa reunião de Conselho os novos ocupantes e eu tenho a satisfação de estar com dois aqui participando desta reunião: então o Wagner Freitas Schneider que se junta à Vice-Presidência de Planejamento e Gestão; e a Karin Luchesi que se junta à nossa Vice-Presidência de Operações - nós dividimos em operações reguladas de operações de mercado. A Karin presidia a nossa CPFL Geração e agora recebeu esse novo desafio e está aqui conosco neste momento.

Então é uma satisfação saber que para o futuro nós obviamente sempre trabalhando no sentido de ter uma estrutura que seja alinhada aos desafios da companhia no grupo e nós já fizemos esse upgrade e trouxemos mais essas pessoas a quem desejo muito sucesso para que a gente possa nos próximos trimestres sem dúvida nenhuma mostrar as potencialidades e a capacidade que essas pessoas têm de criar valor para nosso grupo.

À disposição para perguntas agora.

Sessão de Perguntas e Respostas

Operadora: Senhoras e senhores iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta por favor digitem asterisco um e para retirar sua pergunta da lista digitem a tecla asterisco dois.

Nossa primeira pergunta Marcos Severine, JP Morgan.

Sr. Marcos Severine: Bom dia Wilson, bom dia a todos. Wilson a minha primeira questão é com relação a essa clara sinalização que o governo vem dando em relação ao retorno para o setor elétrico. Eu acho que isso fica bastante claro nesse quarto ciclo de revisão tarifária.

Como você bem colocou alguns pontos ainda ficaram pendentes como uma remuneração sobre o Capex dos ativos sendo depreciados, mas de uma certa forma o que a gente pode esperar aqui é um crescimento do Ebitda Regulatório.

A gente também tem observado na parte de greenfield uma elevação dos preços, o retorno da margem melhorando. É verdade que os custos, principalmente Capex, têm subido bastante. Então a minha questão são duas questões relacionadas a esse tema: a primeira é em relação à geração. Vocês esperam uma revisão desses preços teto já anunciados para os leilões recentes (principalmente o A-5) de tal forma a incorporar esse aumento de Capex que a gente vem observando e com isso você ter uma remuneração mais adequada, uma TIR para o acionista mais adequada, provavelmente mais condizente com seu cost of equity que também subiu neste período?

E a segunda questão em relação a oportunidades de M&A num cenário em que é de melhora de retorno de distribuição. Provavelmente a Eletrobrás deve vir este ano e colocar os ativos dela localizados no norte e nordeste à venda. Eu não sei se vocês têm interesse ou se estão olhando essas oportunidades lá dentro do norte e nordeste, e também no sudeste se vocês visualizam alguma oportunidade agora menos arriscada em virtude dessa melhora de retorno. São essas as duas questões que eu gostaria de colocar para você, obrigado.

Sr. Wilson: Severine obrigado pela pergunta. Eu concordo com você, e acho que isso já é público, que o setor elétrico, o Ministério de Minas, todos os agentes tem feito um esforço importante que tem que ser reconhecido no sentido de atrair capital para investimento. Eu acho que isso que tem-se verificado.

Eu concordo com você que na área de geração isso já ocorreu nos últimos dois leilões. Você veja que a gente há muito tempo, acho que uns quatro anos não tinha PCHs participando de leilão. Eles colocaram um preço que atraiu capital, eu acho que permitiu retornos compatíveis, e retorno compatível significa com esse preço é suficiente para você cobrir aumento de custos para investimento e

aumento do financiamento. Eu acho que esse reconhecimento está em todos os leilões que foram feitos recentemente e eu não tenho porque não acreditar que os próximos leilões a mesma sistemática será feita.

A gente tem conversado com o próprio Ministério, quer dizer, essa situação de alguma dificuldade em que vivemos sob o ponto de vista do suprimento, ela vai se resolver na medida que a gente coloque novos investimentos, novos projetos em operação. Então eu acho que o governo tem se esmerado no sentido de reconhecer isso e de colocar preços que estão conseguindo atrair em todos os empreendimentos para todos os leilões o capital privado. Então eu acredito que sim, eles vão continuar fazendo isso nos leilões.

Com relação a oportunidades de M&A nas distribuidoras eu concordo com você: eu acho que nós estamos chegando num ponto em que, seja porque algumas a que você fez referência tipo Eletrobrás, então há uma mensagem clara no sentido de aproveitar esse momento da renovação para fazer um processo estruturado de venda de algumas dessas concessões.

Seja também por que existem... mesmo com essa melhora de condições que estão apresentadas no fechamento do quarto ciclo a verdade é que algumas distribuidoras são pequenas, eu acho que haverá uma necessidade à luz do que a gente tem acompanhado na renovação dessas concessões no conjunto de condições para investimento, onde eu acredito que seja pelas pequenas serem consolidadas eventualmente por maiores, dados esses desafios, sejam as maiores - e você fez referência à Eletrobrás – é óbvio que a gente tem interesse. Nós estamos sempre atentos a essas oportunidades e vamos avaliar cada uma delas.

Nós entendemos que o negócio de distribuição, como eu sempre tenho colocado, é um negócio de escala, e portanto o crescimento fundamental e obviamente na medida em que você possa incorporar também geografia é melhor; agora se não puder, a escala continua sendo a principal alavanca de valor desse negócio.

Então óbvio, dadas as oportunidades que ocorrerão nós vamos continuar atentos e participando ativamente desse processo. Ele é importante para o grupo e será importante para o setor na medida em que você também... possa eventualmente mais à frente consolidar essas operações e isso vai facilitar o próprio serviço de avaliação da gente.

Então nós somos otimistas com relação às duas coisas: preços de geração aumentando, entrando num nível que seria suficiente para atrair o capital e obviamente como consequência do processo de renovação das concessões em distribuição um conjunto de oportunidades aos quais nós estaremos atentos.

Operadora: próxima pergunta Vinícius Canheu, Credit Suisse.

Sr. Vinícius Canheu: Oi Wilson, bom dia. Eu queria perguntar sobre essa discussão de GSF e a gente viu no release na sua mensagem o empenho da companhia e do setor em discutir isso.

Quando nós analistas falamos com o governo, a gente vê mensagens contraditórias: num momento a gente tem uma sinalização de que pode ter algum tipo de ajuda, outro momento a gente tem a sinalização de que isso é risco do negócio e não estaria... algum tipo de ajuda ou benefício não estaria no escopo do que o governo está trabalhando.

Eu queria saber se você tem alguma atualização mais recente, alguma novidade em relação a esse assunto já que as notícias têm sido um pouco desencontradas mais recentemente.

Sr. Wilson: bom Vinícius eu acho que o tema é grande o suficiente - e só emendando com a pergunta do Severine - o tema do GSF é fundamental não só para garantir a saúde financeiras das empresas que já estão operando; ele é fundamental também para garantir a atratividade para a geração hidrelétrica que é a nossa principal fonte de expansão de energia nos próximos anos, continua sendo a principal.

Então veja, de tudo que eu tenho conversado com o governo e os seus órgãos relacionados, há uma enorme preocupação. Há o reconhecimento de que esse tema tem que ser endereçado e tem que ser endereçado de uma maneira que estabeleça condições permanentes e reconheça talvez as transformações que nós tivemos nos últimos anos.

Nós crescemos em geração termelétrica, crescemos com geração não despachável, vamos chamar assim que é o caso das eólicas, etc., e obviamente isso agravou nesse momento o tema do GSF das geradoras hidráulicas.

Então é um impacto que está sendo reconhecido, ele é de grande porte e ele é grande o suficiente para que haja uma prioridade. Eu acredito, e vou colocar como tenho uma expectativa, nós e nosso grupo, de que neste mês de maio a gente tenha uma solução para esse tema que possa ser aplicada às empresas de uma forma a mitigar uma parte do risco que não é delas. Quando falo despacho fora da ordem de mérito, quando falo da energia alternativa não despachável se deslocando nós estamos falando de um efeito que é atribuído ao GSF da hidráulica sem que ela possa se defender.

Então esses temas têm sido tratados junto ao governo, acho que o governo reconhece que são itens que têm que ser tratados de uma forma adequada para que a gente possa garantir a expansão futura.

Então a minha expectativa é que neste mês de maio a gente tenha... não vou dizer a solução porque a solução é... aumente a solução. Tenhamos uma tratativa que permita que as empresas que estão operando se equilibrem e tenhamos, por conta disso, condições de termos atratividade na geração hidráulica que é tão importante para o país no futuro.

Sr. Vinícius: tá bom foi claro, obrigado.

Operadora: próxima pergunta Vinícius Tsubone, UBS.

Sr. Vinícius Tsubone: bom dia e obrigado pelo call. Eu gostaria de saber se dada essa melhora no cenário hidrológico no mês de abril e também essa melhor previsão para maio se isso mudou a estimativa que vocês tinham para o GSF em 2016, obrigado.

Sr. Wilson: Vinicius a melhora é muito leve em relação à previsão que a gente tinha no ano. Então eu diria neste momento nós teremos os efeitos também de queda de consumo ou de estabilidade no consumo. Nós estamos falando aqui de um GSF para o ano entre 16,5 e 17%. Não mudamos ainda a nossa previsão.

Sr. Vinícius: e para o ano que vem continua por volta de 8%?

Sr. Wilson: sim, continua por volta de 8%.

Sr. Vinícius: ok obrigado.

Operadora: lembrando que para fazer perguntas basta digitar asterisco um.

Encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar palavra ao Sr. Wilson Ferreira Jr. para suas considerações finais.

Sr. Wilson: Muito bem. Eu queria agradecer a atenção que todos tiveram ao nosso call de resultados e gostaria de destacar sob o ponto de vista de perspectivas as oportunidades que a gente tem, que o setor elétrico vai oferecer à sociedade brasileira no sentido de atrair capital para investimento e ao fazê-lo mobilizar a nossa economia em torno da infraestrutura que eu acho que deve ser nosso caminho preferencial e acho que o governo tem consciência disso.

Eu gostaria de novo de ressaltar, testemunhar que sinto o governo muito envolvido nos temas que afligem o setor e eu acho que a gente tem pelo menos duas demonstrações já dadas, seja a tempestividade no processo em relação às

distribuidoras - bandeiras, revisão tarifária extraordinária e, além disso, o próprio tema da conclusão das condições para o quarto ciclo de relações tarifárias.

E o segundo ponto é exatamente no afã de atrair recursos essas demonstrações de leilões com preços compatíveis, com preços que são de fato atrativos para que a gente se envolva. A CPFL esteve já neste último e imagina que possa estar nos próximos também porque entendemos que essa perspectiva talvez o único elemento ainda que remanesça para que a gente faça aperfeiçoamentos, que é o GSF, eu acredito que esteja em curso.

Eu diria a gente obviamente espera as potencialidades do país com o ajuste fiscal sejam materializadas.

No que cabe ao setor elétrico compete às companhias retomarem suas perspectivas de investimento para permitir que a infraestrutura na área de energia suporte uma retomada da nossa economia, e é o que nós vamos fazer. A CPFL vai estar apoiando todo esse processo.

Eu agradeço novamente a atenção de todos ao nosso call.

Operadora: A áudio conferência da CPFL Energia está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.
